

# O ANALISTA EM TEMPOS DE PANDEMIA

## EL ANALISTA EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Luis Augusto Roncato  
Psicanalista. Membro Pleno do Centro de Estudos  
Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA)  
PORTO ALEGRE  
(luisroncato@gmail.com)

**Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article**

Roncato L.A. (2020) O ANALISTA EM TEMPOS DE PANDEMIA  
Intercambio Psicoanalítico 11 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2.1/  
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

# O ANALISTA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Luis Augusto Roncato <sup>1</sup>

---

1 Psicanalista. Membro Pleno do  
Centro de Estudos Psicanalíticos de  
Porto Alegre (CEPdePA)  
PORTO ALEGRE (luisroncato@gmail.  
com)

## RESUMO

**Este artigo busca discutir as consequências para o trabalho do analista da passagem do setting tradicional para o setting virtual em decorrência da pandemia do Corona Vírus. Abordamos os aspectos relativos ao trabalho de luto dos analistas pela perda de referências do setting tradicional e a necessária elasticidade técnica na modalidade de atendimento online.**

## PALAVRAS-CHAVE:

**Setting Psicanalítico; Análise online; Luto; Pandemia**

A psicanálise, como espaço da clínica que investiga os processos inconscientes é convocada a se posicionar nesse momento de fratura dos ideais provocado pela pandemia do Corona Vírus. Questões centrais se revelam: qual seria sua contribuição para compreender os movimentos pulsionais em tempos pandêmicos? Quais as implicações no trabalho do analista? O que poderia a clínica oferecer para aplacar a dor psíquica das pessoas isoladas e desesperançadas pelo assolamento viral?

O momento é inigualável em nossa história. Já tivemos outras epidemias mas, pela primeira vez, as informações e os patógenos correm em velocidade semelhante, maculando nossas esperanças com uma força assustadora. Acima de qualquer prática respeitável de psicoterapia, a psicanálise, mais do que nunca, se apresenta — por força de método e historicidade — como uma instância privilegiada de acolhida e intervenção naquilo que as pessoas mais se queixam e demandam nesses tempos: serem ouvidas e a darem nome à sua angústia. A clínica psicanalítica cresce em potência e privilégio à medida que seus agentes assumem responsabilidades filosóficas, políticas e clínicas.

No início de 2020, com a chegada da pandemia de Corona Vírus ao Brasil, fomos tomados pela perplexidade, medo e sensações difusas. Parecia-nos que a vida, como a conhecíamos até então, havia tomado um rumo absolutamente novo e desconhecido. Nós psicanalistas, fomos também afetados em nossa forma de trabalho. Novos dispositivos transformaram o setting tradicional que passou de presencial a remoto. Analistas que nunca haviam usado uma plataforma online para atendimentos, ou o feito de forma esporádica e pontual, começaram a atender exclusivamente pelo computador, tablete ou smartphone. A pandemia de COVID-19 trouxe ainda um incremento de atividade científicas, congressos, lives, reuniões, seminários para o mundo virtual. Relatos de estranheza, cansaço, desconforto, insegurança foram constantes por parte de muitos colegas. Um processo considerado por muitos como violento e disruptivo. Este novo modo de interação com os pacientes e com a comunidade psi trouxe mudanças inevitáveis em relação a aspectos fundamentais do encontro analítico.

Na clínica podemos perceber que a mesma tecnologia que propaga pânico e desinformação em tempos de confinamento, tanto para profissionais psis como para pacientes, está sendo utilizada como ferramenta de suporte a pessoas em sofrimento. Além da elasticidade da técnica (Ferenczi, 1928) que encontra nos atendimentos mediados por tecnologias digitais seu maior exemplo atualmente, o grande desafio imposto pela pandemia é a manutenção da escuta do próprio analista, também exposto à Covid-19 e inquietos por perdas diversas, a começar pela do próprio setting terapêutico tradicional.

Entre as inúmeras formas de sofrimento, uma delas está em relevância na nossa clínica durante a pandemia: o luto. Para Freud (1915), este é um processo que tem início quando o psiquismo registra uma perda significativa. É uma manifestação de padecimento caracterizada por um ajuste de nossas relações com o outro e com nós mesmos diante da falta de um objeto ao qual estivemos vinculados, como um ideal de mundo, por exemplo. Constitui um laborioso processo de transformação dos investimentos vitais que implica realocação libidinal.

Proponho um olhar para o luto evidente dos analistas no atual cenário. Este profissional está diante de uma necessária e trabalhosa transformação que precisa executar para manter sua identidade. Enfatizo essas transformações em sua dimensão de perda, embora ela não esgote o panorama mais amplo da pandemia. O analista, tendo que lidar com a perda de seu setting habitual sofre também com a incerteza do que permanecerá de seu fazer anterior no pós-pandemia. Essa modificação não é simples, pois além de significar alguma perda de estabilidade do setting, coloca o analista mergulhado no mundo digital, com o qual a psicanálise sempre manteve uma relação ambivalente. Afetados todos pela pandemia, por suas consequências físicas e psíquicas, podemos supor que, para muitos analistas, é natural pressupormos uma regressão defensiva narcísica de matiz melancólica obturando sua capacidade de escuta.

No texto *Uma dificuldade no caminho da Psicanálise* (1917), Freud relata três golpes narcísicos que a humanidade sofrera, isto é, três maneiras diferentes de destruição do Narcisismo: o golpe cosmológico, de Nicolau Copérnico (1473-1543); o golpe biológico, de Charles Darwin (1809-1882); e o golpe de natureza psicológica, da própria Psicanálise. Zizek (2010), refere-se ao impacto da tecnologia digital como o quarto golpe narcísico da humanidade, gerador de um imenso temor de substituição. Não é incomum encontrarmos em textos psicanalíticos que o uso das tecnologias digitais promove embotamento da capacidade simbólica, incremento da onipotência e desconsideração com o objeto, empobrecimento das relações sociais e afetivas, tendência ao isolamento e às compulsões aditivas. Uma espécie de desumanização em marcha acelerada.

Mas, o que nos interessa aqui é examinar a conturbada relação entre a clínica psicanalítica e a Internet. Essa relação torna-se ainda mais embaraçosa no caso dos atendimentos online. No Brasil os atendimentos psicanalíticos online já ocorrerem há pelo menos 15 anos, mas são escassas as publicações sobre o tema. Uma clara reserva quanto a escrever artigos em torno desse assunto por parte de muitos analistas seria justificada por entenderem os atendimentos online como menos valiosos do que os presenciais. Mesmo os mais simpáticos ao atendimento online, não são alheios às perdas que tiveram. Fomos obrigados a deixar nossos consultórios, improvisar locais de atendimentos em casa, nos sujeitarmos a conexões ruins de internet com quedas, interrupções e instabilidade de sinal. Não houve tempo de preparação e lidamos com o emergente. Perdemos também algo do nosso enquadre. Se por um lado contamos com inúmeros textos sobre enquadre na literatura psicanalítica atual, por outro não podemos esquecer que as mudanças deste momento não advêm de situações clínica, normalmente balizadoras da teoria, mas de um contexto exogâmico que não nos permite muita flexibilidade.

Modificação da sensorialidade no contato com os pacientes, dificuldade na troca de olhares através da tela, alterações na livre associação, na atenção flutuante, nos silêncios, nos lapsos, são algumas das muitas dificuldades que se apresentam aos analistas neste momento. Para destacarmos um aspecto dentre tantos relevantes, relembremos um trecho de Apresentação sumária da psicanálise, escrito por (Ferenczi, 1936) no qual afirma “[...] é totalmente impossível praticar uma análise na presença de um terceiro. A sinceridade total, a abdicção de sentimento de embaraço e vergonha, exigidas pela psicanálise, seriam consideravelmente perturbadas se o tratamento não se desenrolasse numa estrita intimidade a dois” (p. 171). Poderíamos pensar neste terceiro como a intermediação do contato por vias digitais?

Na passagem repentina para os atendimentos online, pacientes tiveram que se contentar com locais pouco acolhedores para suas sessões, como carros na garagem ou quartos de dispensa, no intuito de reencontrar a “estrita intimidade a dois” que o ambiente físico do atendimento presencial proporcionava. Muitos se viram impossibilitados de seguir seus tratamentos por não encontrarem em suas casas a confiança necessária na privacidade característica da situação anterior.

O momento presente configura um acontecimento sem equivalente na história da humanidade. Esse cenário de incerteza coloca-nos diante de angústias de morte física, social, psíquica e coletiva, o que pode nos levar a uma sensação de esmagamento. Tal sofrimento também diz respeito às perdas de entes queridos e à ausência de rituais de encontro e de consolo postas à disposição, até recentemente, pela nossa cultura para fazer frente à morte. Todos, hoje, sofrem por uma vida que se perdeu, perda sobre a qual há grande incerteza acerca do que será possível reconstituir.

Ferenczi e seu ensaio *A elasticidade da técnica psicanalítica* (Ferenczi, 1928), se dedica a pensar sobre a metapsicologia do analista no momento de seu atendimento. Afirma que, durante uma análise, o investimento do analista transita entre o amor objetal analítico, o autocontrole, a atividade intelectual e a observação de suas tendências narcísicas. Esse gasto energético faz com que o analista sinta uma sobrecarga. Essa sobrecarga, diz Ferenczi, exigirá do analista o que ele chamou de higiene particular. Podemos pensar que, para além dos elementos destacados, hoje estamos sobrecarregados por nossos lutos e pela intrusão do real de forma avassaladora. Mais do que nunca, a segunda regra fundamental defendida por Ferenczi, a análise pessoal do analista, se faz necessária.

Apoiados por Ferenczi, podemos dizer que ações se impõem nesse momento de incertezas para realizarmos este trabalho de luto. A primeira é o investimento dos analistas em suas próprias análises, determinadas pelo percurso particular de cada um, mas sempre um imperativo para elaborar um novo tipo de dor e legitimar o fazer analítico. A segunda é a construção de mecanismos de trocas de experiências sobre o novo ambiente em que nossa prática clínica acontece. Construir uma nova sensibilidade, capaz de enfrentar esta realidade, só será possível com o trabalho conjunto entre os analistas.

O vírus mostrou, a cada um, um real que se precipita para além dessa estranha biologia com a qual passamos intensamente a conviver. O mundo se atentou para o fato de que, para além do saber da ciência, imprescindível, para além da esperança religiosa, há um corpo que retorna para casa nesta quarentena. Um corpo em sua alteridade, que escapa aos semblantes, e, junto com ele, uma morte da qual não temos como nos separarmos.

Escuto esse estranhamento nos atendimentos remotos, não só em forma de angústia, hipocondria, perplexidade, mas também na riqueza das soluções de vida encontradas. É possível presenciarmos novos usos da tecnologia, descolados da compulsão, nas conversas, nos atos e sorrisos, nas aproximações possíveis, no exercício de tratar o trágico pelo cômico. Não sabemos que mundo virá depois desta experiência. Sabemos, contudo, que, caberá a nós, analistas, e à psicanálise, sustentar nosso discurso e atualizar nossa prática diante desse desamparo.

Nessa pandemia, tivemos de nos reinventar e nos adaptar a novas regras, novas maneiras de elaborar nossos lutos. Tomo novamente as palavras de Freud (1916) em *Sobre a transitoriedade*, quando fala da necessidade de renunciarmos ao que era precioso, mas terminou: "o luto [...], por mais doloroso que possa ser, chega a um fim espontâneo. Quando renunciou a tudo que foi perdido, então consumiu-se a si próprio, e nossa libido fica mais uma vez livre (enquanto ainda formos jovens e ativos) para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais, preciosos. É de esperar que isso também seja verdade em relação às perdas causadas pela presente guerra. Quando o luto tiver terminado, verificar-se-á que o alto conceito em que tínhamos as riquezas da civilização nada perdeu com a descoberta de sua fragilidade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes" (p. 347-348).

Que nossa reconstrução, no pós-pandemia, seja firme, rica e forte.

Referências Bibliográficas:

Ferenczi, S. (1928). A elasticidade da técnica psicanalítica. In Obras Completas: Psicanálise IV. (2011) São Paulo, SP: Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1936). Apresentação sumária da psicanálise. In: Obras Completas: Psicanálise IV. (2011) São Paulo, SP: Martins Fontes.

Freud, S. (1915). Luto e melancolia. In Obras Completas – Vol. 12. (2010) São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1916). Sobre a transitoriedade. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud – Vol. V. (1976) Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Freud, S. (1917). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In Obras Completas - Vol. 14 (2016) São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Zizek, S. (2010). Como ler Lacan. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.